

ENTRE O POVO

RUBEM BRAGA

UM amigo, que fazia uma seção de pequenas notícias comentadas em um jornal do Rio, telefonou-me certa vez, pedindo um ou dois assuntinhos. Contei-lhe que estivera na véspera visitando um hospital para crianças indigentes; e vira lá um garoto de meses que a mãe internara, terrivelmente sub-nutrido. O garoto já estava forte, mas a direção do Hospital descobrira que a mãe dera um enderêço falso.

Meu colega deu essa notícia — e no mesmo dia apareceram no Hospital vários casais que desejavam adotar o menino. Chegou a haver um comêço de briga entre um sargento e um dentista, cada um dizendo que tinha vindo primeiro...

Pouco antes eu estivera em São Paulo e, tendo um amigo delegado, fiquei ao seu lado da meia noite às seis, em um plantão da Polícia Central. Houve um crime de morte, várias brigas com ou entre mulheres, o atropelamento de um burro, o furto de um papagaio e alguns loucos e bêbados "encanados". Saí três ou quatro vezes no carro da polícia que ia atender aos chamados. O que mais me impressionou, entretanto, foi a história de uma negrinha que apareceu pela madrugada. Era uma dessas histórias complicadas e tristes de um casal pobre que recolhe uma órfã e a maltrata, talvez menos por ruindade que por ignorância. Pois para defender a menina estavam ali na Polícia Central quatro ou cinco homens — um comerciante, um caixeiro, dois operários que, sem nada terem com o assunto, andavam desde as dez horas da noite lidando com o caso da menina. E um deles logo se ofereceu para adotá-la, caso o Juiz de Menores deixasse — pois embora a tivesse visto pela primeira vez, aquela noite, estava com pena da menina e achava que ela daria uma boa com-

panheira para sua filha. Era um espanhol ainda moço, bem apessoado, que acabou levando a menina para sua casa.

Essas pequenas histórias de hospital e de polícia quase nunca aparecem nos jornais. Não são; a bem dizer, notícias. Qualquer bagunça de botiquim interessa mais à reportagem e ao público. Esses gestos espontâneos, silenciosos, de carinho e de bondade, ficam na sombra. E' assim, obscuramente, que a gente do povo abre o seu coração — o menos pobre socorrendo o mais pobre, o pobre ajudando o miserável, a família de cinco membros que vive apertada em um barraco de morro acolhendo a mulher e os dois filhos do pedreiro que caiu do andaime...

E um amigo me conta o gesto de um velho sorveteiro de São Paulo. Estava com uma jovem na praça da República quando chamou êsse sorveteiro — não um desses empregados de grandes empresas de *sorvetes* e *kibons*, mas um pobre sorveteiro avulso, artesão do frio, com sua caixa humilde. Tomou um sorvete, e a moça tomou dois. Quando quis pagar, o velho disse que não queria receber. Nunca tinha visto uma jovem tão bonita e estava muito agradecido porque ela gostara de seu sorvete. Meu amigo insistiu, com uma nota na mão, mas o velho agarrou sua calxinha e se afastou depressa...

Essa moça estranhamente linda, que não cheguei a conhecer, haveria de morrer algum tempo depois, em um desastre horrivelmente cruel. Não sei de que alegrias e tristezas foi tecida sua existência breve, apenas lhe conheço o doce e claro sorriso em uma fotografia. Mas a galanteria desse velho e pobre sorveteiro me parece a melhor legenda para uma tocante beleza que a morte apagou. E êsse sorveteiro é bem irmão do sargento, do dentista, do espanhol, dos operários, de todos os que neste mundo ruim, interesseiro e triste, ainda se esquecem de si mesmos para seguir, num gesto simples, em silêncio, o mando de seu coração. Esses são os fidalgos, êsses são os nobres, e eles estão no meio do povo.

23. 1. 49